



A RESIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO PARA O DIÁLOGO CRÍTICO E AUTONOMIA NO AMBIENTE DIGITAL

THE RESIGNIFICATION OF TEACHING PRACTICES FOR CRITICAL DIALOGUE AND AUTONOMY IN THE DIGITAL ENVIRONMENT

Eixo 06 - Educação e Comunicação em Paulo Freire

Marlton Fontes Mota¹
Alícia Macedo Santana²
Letícia Barbosa Góis³

RESUMO

A percepção sobre a liberdade do indivíduo no espaço virtual e a sua interligação com a proposta de interferência mediadora das práticas educativas, a partir da problematização crítica resultante dos movimentos de aprendizado promovido pela ação do próprio sujeito, tornou-se uma necessidade estruturante da educação. Sob essa perspectiva, o texto propõe uma reflexão sobre o papel da educação, na perspectiva dialógica freiriano, como um diferencial contributivo para uma aprendizagem significativa que potencialize a capacidade analítica do educando, ampliando a sua inserção, o seu protagonismo consciente na leitura de mundo, em coexistência nas interligações digitais. Aplicou-se, para o alcance do seu objeto, a pesquisa qualitativa, fazendo uso do método exploratório, com a utilização dos referenciais que tratam sobre as sociedades digitais e a inserção do indivíduo nesse ambiente, tendo como bibliografia norteadora para o objetivo central da pesquisa, fundamentos do pensamento de Paulo Freire. A conclusão é de que promover uma educação contributiva nas vias digitais para a formação de uma consciência crítica e reflexiva como prática dialógica libertadora é resignificar a autonomia do sujeito num permanente movimento de inquietação indagadora.

Palavras-chave: Autonomia. Comunicação. Digital. Educação. Paulo Freire.

¹ Doutorando em Educação, no Programa de Pós-graduação da Universidade Tiradentes. Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes - SE (2012), Pesquisador-Líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Gênero, Direitos Humanos e Diversidade Sexual" – 2017, Coordenador de Projetos de Iniciação Científica (Provic- Probic-Unit) da Universidade Tiradentes (SE) na área da Educação e Direito. E-mail: marltonmota@hotmail.com

² Graduanda em Direito pela Universidade Tiradentes; atuante no grupo de estudos "Arte, Educação e Direito", Pesquisadora na Iniciação Científica com o projeto "A Alfabetização através da tecnologia digital nas escolas de Ensino Médio, Privadas e Públicas do Estado de Sergipe: Um levantamento sobre os programas e resultados apresentados nos últimos cinco anos". E-mail: aliciamcst@gmail.com

³ Graduanda em Direito pela Universidade Tiradentes de Sergipe; Pesquisadora atuante na área da Educação, Comunicação e Tecnologia. Pesquisadora na Iniciação Científica com o projeto "A Alfabetização através da tecnologia digital nas escolas de Ensino Médio, Privadas e Públicas do Estado de Sergipe: Um levantamento sobre os programas e resultados apresentados nos últimos cinco anos". E-mail: leticiagois0@gmail.com



ABSTRACT

The perception of the individual's freedom in the virtual space and its interconnection with the proposal of mediating interference in educational practices, from the critical problematization resulting from the learning movements promoted by the subject's own action, has become a structuring need for education. From this perspective, the text proposes a reflection on the role of education, in the Freirian dialogical context, as a contributory differential for meaningful learning that enhances the analytical capacity of the student, expanding their insertion, their conscious role in reading the world, coexistence in digital interconnections. Qualitative research was applied to reach its object, making use of the exploratory method, using the references that deal with digital societies and the insertion of the individual in this environment, with the guiding bibliography for the central objective of the research, Paulo Freire's theoretical teachings. The conclusion is that to promote a contributory education in digital ways for the formation of a critical and reflexive conscience as a liberating dialogical practice is to re-signify the subject's autonomy in a permanent movement of inquiring restlessness.

Keywords: Autonomy. Communication. Digital. Education. Paulo Freire.

1 Introdução

A formação do indivíduo, enquanto educando, vivenciada a partir das práticas de ensino-aprendizagem na pós-modernidade⁴, está intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento das tecnologias de Informação e Comunicação ocorrido a partir da segunda metade do século XX. Nessa perspectiva, inclui-se a influência das chamadas mídias digitais que têm promovido uma sensível mudança no processo de comunicação e de construção da identidade cidadã do sujeito na sociedade.

De igual forma, o tempo destinado à criatividade e inovação fruto do não-fazer do aluno, o chamado “tempo livre” ou ócio, vem sendo, progressivamente, virtualizado pela rede digital, que atua como um elemento de ampla interação social.

Percebe-se que, nesse cenário transformador das relações culturais e de modelos comunicacionais construídos pela chamada cibercultura, não se confirma, por parte dos atores envolvidos, o devido aproveitamento consciente do processo de significação dos saberes aprendidos, que poderiam ser percebidos a partir da interconexão da experiência cognitiva do usuário e do conhecimento extraído das práticas educativas. O transitar pelas redes digitais

⁴ “Características: Ausência de regras e valores muito rígidos; Individualismo; Pluralidade e diversidade; Combinações de tendências, gostos e estilos; Produção em série de cultura voltada para o consumo rápido; Liberdade de expressão e pensamento; Mistura entre realidade e imaginação - hiper-realismo; Disponibilização de grande quantidade de informações; Incertezas e vazios existenciais”. (CRUZ, 2019, p. 02)



confirma que, de fato, se constrói uma autonomia consciente e crítica, proporcionada no ciberespaço?

O questionamento é seguido de perto pela necessidade de rediscutir o papel da educação e sua parcela de contribuição na formação do indivíduo, principalmente em relação a necessidade de desenvolver novas competências e habilidades de alfabetização informacional e literacia multimidiáticas. O domínio na instrumentalização dos meios comunicacionais digitais não consolida a certeza de que os seus usuários, emissores-receptores desse processo, tenham a devida e necessária percepção para o melhor aproveitamento do conhecimento adquirido, a partir das interações virtuais, informais e não-formais.

Sob o aspecto norteador dessa reflexão, o texto propõe uma abordagem sobre o papel da educação no contexto dialógico freiriano como um diferencial contributivo para uma aprendizagem significativa, que potencialize a capacidade analítica do educando com a efetiva contribuição para o fortalecimento do seu protagonismo consciente na leitura de mundo, em coexistência nas interligações digitais.

Tratar sobre os formatos de diálogos na contemporaneidade, de forma ampla, é buscar a compreensão sobre as suas multiformes concepções e, especialmente adaptável ao novo espaço virtualizado de transmissão e formação das narrativas e linguagens que perfilam a singularidade humana de existência, com vistas à complexidade da sua coexistência em sociedade.

A concepção dialógica em Freire é uma concepção atemporal e desterritorializado das relações humanas, investidas hoje, na versatilidade de caminhos nem sempre visíveis, sempre compartilhados, mas, carentes de significados de convergências.

Para o alcance do objetivo proposto, consolidado a partir da problemática que promoveu na pesquisa a imersão no estudo da literatura existente, fez-se uso do método exploratório, qualitativo, com a busca sistematizada dos conteúdos teóricos que balizaram os encontros referenciados no presente texto para a percepção sobre as sociedades digitais e a inserção do indivíduo nesse ambiente.

Ao aplicar a pesquisa bibliográfica e documental sobre os ensinamentos teóricos de Paulo Freire, extraiu-se na ‘Educação como prática da liberdade’ (2020), a percepção sobre a dialogicidade como responsabilidade social, ao tempo em que na “Pedagogia do Oprimido” (2018), a dialogicidade confirma ser a própria essência da educação como prática de liberdade, invocando o sujeito no seu permanente movimento de busca.

Diante da “Pedagogia da Autonomia” (2019), a pesquisa consolidou a compreensão de que, ensinar exige disponibilidade para o diálogo como forma de intervenção no mundo,



enquanto, na “Pedagogia da Solidariedade” (2018), Freire confirma ser a educação, uma importante dimensão da existência humana que, à velocidade das mudanças tecnológicas a educação deve criar a habilidade de responder a diferentes desafios com idêntica celeridade. Pensar em Freire é perceber a importância de a educação acompanhar as mudanças e novos hábitos da sociedade sob a proposta de um diálogo, essencialmente crítico.

Na composição dos olhares propostos às reflexões sugeridas no presente texto, buscou-se compreender o processo de gradativa desterritorialização das práticas educativas nas contribuições de Linhares e Chagas (2017); Porto e Moreira (2017) e Caeiro (2017). A partir das ponderações extraídas do modelo de liberdade e autonomia, proposto pela nova economia em Berardi (2005) e de mediações construído por Barbero (2014), percebeu-se que, na miscigenação de fluxos e conexões no espaço digital, faz-se necessária uma ressignificação das práticas de ensino, aplicadas à cultura da dialogicidade freiriana, para promover uma educação transformadora.

O presente artigo se delinea em dois tópicos, sendo atribuído ao primeiro, a reflexão sobre o processo de desterritorialização da educação para o lugar de aprender, confirmando ser os novos espaços ciber novos lugares das práticas educativas. Para o segundo capítulo, tratou-se dos conceitos de autonomia e do livre-pensar nas vias digitais, abordando-se sobre a efetividade de uma educação dialógica como elemento propulsor para uma autonomia consciente, crítica e reflexiva. O texto é um convite à reflexão.

2 Desterritorialização da educação para o lugar de aprender

A fascinação pelas novas tecnologias criou discursos e desenvolveu no indivíduo uma “autonomia” peculiar que de acordo com Linhares e Chagas (2017, p. 26), tornou-se cada vez mais condicionada ao processo comunicativo mediado pelas vias digitais. Processo esse, que direciona a sociedade para a adoção de práticas pedagógicas convergentes às especificidades das linguagens multimídias.

Os saberes informais e não formais em redes digitais compõem as “novas” sociedades de conhecimento, que formam um ecossistema continuamente atualizado (PORTO E MOREIRA, 2017). Essa predisposição cria uma postura, ao mesmo tempo, de dependência e de liberdade, afinal o sujeito experimenta o protagonismo na produção de saberes num espaço que lhe possibilita a versatilidade e um acesso direto. Bauman (2018, p. 29) destaca que a



cultura consumista da sociedade contemporânea é governada pelo preceito: “se você pode fazer, então deve fazer”.

No ambiente escolar, Linhares e Chagas (2017, p. 30) atentam para o fato de que há a necessidade de a escola compreender as “novas formas de significações da realidade mediadas pelas tecnologias do cyber”. Nessa perspectiva, as práticas de ensino-aprendizagem pautadas no processo de autonomia e protagonismo do aluno tendem a acompanhar a velocidade das transformações propagadas pelo ciberespaço. Souza e Ribeiro (2013, p. 220) expõem que, partindo-se do princípio de que a sociedade vivencia momentos de efervescência e mudanças sem precedentes, faz-se necessário estabelecer correlações com essa mesma realidade. Parafrazeando Bauman, se você pode fazer, faça-o, conscientemente.

O multiculturalismo do espaço digital ultrapassa os limites fronteiriços do ambiente da sala de aula, num amplo processo de desterritorialização que impõe movimentos de mobilidade cultural permanente, superando os contornos objetivos traçados pelos processos educativos no trato das relações sociais. Nas palavras de Buckingham (2006, p. 03), a maior parte do ensino e aprendizagem desenvolvidos pela escola têm permanecido totalmente impassível diante da influência da tecnologia.

A educação, de forma ampla, para Caeiro (2017, p. 10), se encontra numa encruzilhada de inúmeras vias, e estas nem sempre são visíveis. As transformações recentes dos espaços de aprendizagens, decorrente de uma interferência propositiva das tecnologias digitais, não pode ser vista como um obstáculo à produção do conhecimento compartilhado.

O processo de convergência entre os saberes formais, informais e não-formais nas vias digitais está aberto aos encontros colaborativos e dialógicos, entremeado por experimentações que aprofundem a interrelação indivíduo-coletividade, um e o outro, um no outro.

A relação do indivíduo à comunicação virtualizada, destacada por Linhares e Chagas (2017), tem afetado os diferentes espaços da vida humana e pressupõe ser um fator favorável à ressignificação das práticas educativas, visando a formação criativa e cidadã do educando. Para isso, os referidos autores assimilam que a escola deve desenvolver novas competências em comunicação e informação, que possibilite a contemporaneidade de ações educativas nas tecnologias digitais. Ao propor a inserção efetiva, participativa e colaborativa do educando na sociedade, como um elemento transformador, ele jamais se perceberá um sujeito meramente adaptável. É tornar possível a “reinvenção do ser humano no aprendizado da sua autonomia” (FREIRE, 2019, p. 92)

A descaracterização do modelo físico da escola, potencializou o surgimento de outros ambientes de possibilidades e de compartilhamentos de saberes. Além de romper os limites



territoriais que singularizavam a distribuição e o alcance dos processos de ensino-aprendizagem, proporciona o acesso ao saber, também, fora dos limites físicos da escola.

Com as tecnologias digitais, a conexão em rede fez emergir novas especificidades humanas, alterou narrativas e estabeleceu a diversidade de formatos comunicacionais que adentraram aos espaços da escola e da sala de aula. Cabe fortalecer os espaços escolares com “outros” lugares de aprender, que, em Freire (2019), que tornem imperiosa a prática formadora da autonomia do indivíduo, consciente e crítica. São esses, alguns dos aspectos essenciais à formação cidadã do indivíduo, que para Freire (2019) deve se comportar como uma forma de intervenção no mundo.

A educação deve ser contributiva para despertar no sujeito a inteligência de perceber o mundo, em relações viabilizadas pelo diálogo crítico e reflexivo, numa constante retroalimentação de saberes, a reflexão na ação.

A desterritorialização do ambiente educativo, formal, proporciona a sensação de autonomia e liberdade no educando e amplia a responsabilidade da educação ser presente e existencial no processo de formação do aluno para tornar compatível o seu interesse em aprender. O método educativo a ser aplicado deve compatibilizar com as relações entre o aluno e o mundo, ampliando as sensações cognitivas do indivíduo para promover-lhe uma percepção afirmativa sobre o seu entorno social, a partir de si mesmo.

Ressignificar as práticas educativas para uma educação dialógica, é constatar a capacidade de intervir na realidade, desvelando a compreensão e a leitura de mundo (FREIRE, 2019). A chamada sociedade das conectividades vem sendo organizada de forma efervescente, mas, afirmam que, a educação para os movimentos em rede, tendem, paralelamente, a acompanhar esse fluxo de ampliação (Couto e Silva, 2017).

É preciso atentar para o fato de que, além dos desafios à educação para o processo de resignificação das suas práticas nas tecnologias digitais, há um grande obstáculo ao acesso da sociedade a esse ambiente tecnológico que, necessariamente, pende de olhares inclusivos, pois, para Pedroza (2019, p. 03), quando o assunto é acesso à rede, os índices são alarmantes, afinal, apenas 59% da população brasileira compõe o grupo de usuários com acesso à internet.

A notada revisão do tempo e do espaço dedicados à construção pedagógica, no ambiente escolar, vem sendo o primeiro ponto de destaque nos projetos de reformulação do papel da educação nesse novo cenário cultural digital. Para Bauman (2018), o mundo off-line⁵

⁵ “Assim denominado em contraposição ao recém-chegado on-line”. (BAUMAN, 2018, p. 67)



ainda não desapareceu, mas, agora existem dois mundos distintos e a tarefa de conciliá-los está entre as competências que a arte da vida do século XXI nos exige ter.

A miscigenação de fluxos, conexões e de compartilhamento de informações, vem sendo acolhida pelos usuários da rede, sem a preocupação de perceber o potencial criativo desse conteúdo, e sem predizer sobre o necessário olhar científico sobre tais informações. Isso traz uma outra perspectiva sobre esse panorama, que seria a da capacidade inata dessa imersão cultural consolidar-se num processo de alienação e ostracismo social.

É dessa pluralidade conectiva que emerge a própria singularidade humana, e Freire (2019) confirma que, inserida no processo de captação objetiva da realidade, existe a presença da criticidade, pois, os laços existentes nas relações humanas se definem reflexivos e críticos. O que não se pode permitir é a ausência das práticas educativas voltadas para a interação do sujeito nesse mundo virtualizado, para que ele possa, sentir-se incluído, verdadeiramente. Jamais adaptado.

Decerto que o modelo tradicional de ensino, ainda em prática, que exclui propostas de inserção das práticas docente na rede digital, vem tornando a escola um ambiente deslocado da realidade. Afinal, há um movimento cultural crescente, direcionando a sociedade para esses novos espaços de construção de saberes e de trocas de experiências, estimulando as relações comunicacionais virtualizadas.

Não se inserir nesse processo de engajamento virtual, torna a educação uma espécie de tabernáculo, de utilização específica e percepção contemplativa, fincada, estaticamente, nos próprios pilares. Para Linhares e Chagas (2017, p. 27), os espaços escolares devem sim contribuir para que o pensar humano ultrapasse a imersão intuitiva “do” e “no” ciberespaço, chamando a atenção para a reflexão sobre as amplas transformações decorrentes desse exercício. É sobre essa imersão intuitiva, tratada pelos autores comentados, que a educação precisa, necessariamente, projetar-se. O lugar da educação é em todos os lugares.

A experiência cognitiva do educando se amplia diante da imensidão de saberes proporcionada pelo ciberespaço. Pressente-se, nesse cenário, como um fator de formação significativa, que a experiência curiosa do educando deve interligar-se à sua percepção consciente do conhecimento formal adquirido. Nesse caso, há no ambiente escolar a possibilidade de interferência dos saberes adquiridos pelo educando, desenvolvidos no multiculturalismo do processo comunicacional em rede, mediado por artefatos digitais.

A hipermobilidade que desterritorializa o ensino-aprendizagem do ambiente físico da sala de aula, traz uma gradativa necessidade de oportunizar a inserção de práticas educativas para a construção de significados, a partir das experiências do sujeito, diante da proposta de



uma formação plural promovida pela cibercultura. A compreensão sobre o papel da educação nesse universo comunicativo deve perpassar pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem a convergência entre o saber, como um verdadeiro impacto social e a formação de uma consciência de humanização do educando (FREIRE, 2019, p. 42).

A autonomia para a busca desse aprendizado convergente, que alie a experiência individual do aluno com a instrumentalização mediadora das práticas educativas, deve ser instigada e mais bem preparada. Esse processo não pode se resumir em tornar o indivíduo um ser mais apto ao mercado de trabalho, mas, que o conscientize do seu próprio inacabamento como ser social, para que possa, a partir disso, construir a sua identidade cidadã.

Nesse contexto, a aplicabilidade do conhecimento formal deve ser posta em prática e sempre em tempo presente. O estudante deve ser motivado a aprender e para isso ele deve perceber que a teorização do conteúdo apresentado em sala de aula é compatível com a sua descoberta premente e imediata, em imersões experienciais. O lugar da escola é em qualquer lugar.

3 Autonomia, livre pensar e vias digitais

As tecnologias digitais de informação e comunicação passaram a dominar o cenário cultural no mundo e, ainda que penda pela necessária “inclusão digital” em maior largueza, é inquestionável o seu crescimento entre as diversas culturas e sociedades. Esse intercâmbio globalizado de informações, em tempo presente e imediato, vem produzindo um sem-número de oportunidades para a exploração econômica do capital e, por sua vez, propõe uma autonomia humana mediada pela virtualização do processo produtivo.

Diante desse panorama de maior liberdade das atividades mercantis, o homem produtivo passou a empreender um maior tempo, dedicado à busca pela sua independência financeira. A sensação de autonomia avançou nas vias digitais, para Berardi (2005), a crise no modelo de indústria, causada pela infoprodução e baseada na tecnologia digital, proporcionou a reconstrução de um modelo social eficaz que incitou no trabalhador a aspiração da autorrealização.

A proximidade do trabalhador com o enriquecimento econômico, a partir do incremento das tecnologias digitais nas relações produtivas, tem sido considerado um fator preponderante da nova afeição ao trabalho, sob a ideologia da new economy. Ainda de acordo com Berardi (2005), essa ideologia assegura que está no acúmulo de riquezas o verdadeiro



sentido da felicidade, e criou comportamentos no indivíduo que passou a desejar a prosperidade, acima do seu próprio afeto social e do seu lazer.

Esse modelo de liberdade e autonomia, proposto pela nova economia, tem sido a tônica nas discussões a respeito da tão propagada justiça e igualdade social, pois, persevera no contexto fragmentador da organização social globalizada, incitando o conflito de classes criado pela busca do bem-estar material. Nos mesmos moldes competitivos caminha o processo de ensino-aprendizagem, que não impõe a transformação de comportamentos, mas, incute nos estudantes a necessidade de ascensão social, sem prescrever o sentido de humanização das práticas pedagógicas para uma aprendizagem significativa.

A formação da identidade do indivíduo, em tempos de cibercultura, também pode sofrer um processo de alienação, pois, ao ver-se preenchido de efemeridades circulantes nos seus espaços cognitivos, sob o enfoque de múltiplos significados, a definição do seu perfil será o resultado de uma equação de infinitas variáveis, por vezes, não previstas pela sua formação acadêmica.

A educação, nesse viés, deve estar preparada para oportunizar ao indivíduo uma autoavaliação dos conceitos que lhe são projetados, e para Linhares e Chagas (2017, p. 24), a escola tem a responsabilidade de reforçar o perfil, os valores e saberes que devem ser construídos para a vida em sociedade. Para Freire (2020, p. 84), a profundidade na interpretação dos problemas como uma tomada de consciência crítica há de resultar de um trabalho pedagógico crítico.

É ainda o papel da escola, mesmo durante o tempo livre do seu educando, buscar a interação entre os desejos individuais de cada aluno, enquanto este experimenta sensações no cotidiano social, no seu livre-pensar. A efetividade de uma educação dialógica amplia o conhecimento experiencial em torno da liberdade, além de não permitir que o aluno se distancie, ao ponto de desenvolver uma ação apassivadora, coincidente com a imersão da consciência oprimida, que tornará temerosa essa mesma liberdade (FREIRE, 2018o, p.118).

A formação do indivíduo, a partir, também, das práticas de ensino-aprendizagem, está intrinsecamente vinculada ao desenvolvimento tecnológico. A tecnologia entendida como um instrumento cultural e histórico, e sua introdução no processo de formação consciente da sociedade, implica em condicionar um aumento e aperfeiçoamento das leituras de mundo, ainda mais abertas e mais críticas (Freire, 2019) que potencializem a capacidade analítica de compreender a realidade e o seu entorno social.



Um passo de essencial importância para o fortalecimento desse processo de ressignificação das práticas educativas nas tecnologias digitais, diz respeito à inclusão digital⁶. O engajamento da sociedade, de acordo com Pedroza (2019, p. 04), perpassa pela necessária acessibilidade digital inclusiva, “principalmente fazendo a informação chegar àqueles com dificuldades de visão ou leitura, a grande massa da população”, completa a autora. Na realidade, para Araújo (2020, p. 04), falta, no Brasil, uma política contínua para a inclusão digital, haja vista o fato de que acesso à informação é uma das bases da democracia, um exercício de cidadania.

Pontuamos por uma cultura da dialogicidade, da autonomia e do livre-pensar que perfilam a essência da educação como prática de liberdade que, para Freire (2018), confirma que a tarefa do educador dialógico é, através de equipe interdisciplinar, trabalhar o universo temático captado na investigação e devolvê-lo como objeto de uma educação problematizadora, e que essencialmente é, também, conscientizadora.

Por sua vez, dialogar, confirma Barbero (2014), é arriscar um encontro de uma palavra com outra, da resposta de um outro, num processo de intersubjetividade. Dessa interrelação é possível construir um espaço de mútua influência, entre a pluralidade cultural emanada dos fluxos virtualizados, decorrente das redes digitais de informações e o próprio sistema de ensino, com as suas práticas pedagógicas.

É destaque o papel da tecnologia digital nesse processo de práticas comunicacionais, primeiro, por desenvolver uma amplitude no acesso às informações e por possibilitar a interação, a (co)criação e a reconstrução dialógica, a partir dos conteúdos produzidos e potencializados pelo emissor-receptor desses elementos, qual seja, o próprio indivíduo.

O processo de formação autônoma e autossuficiente do indivíduo, deve ser compatível com o diálogo, pois, é através dele que os homens ganham significação enquanto homens (FREIRE, 2018o, p. 228).

A instituição de ensino, ao realizar a sua atividade educativa, deve fomentar a liberdade do pensamento para o autodesenvolvimento do seu aluno, promovendo uma educação verdadeiramente libertadora. De acordo com Linhares e Chagas (2017, p. 29), com certeza as novas relações comunicacionais, a partir da inserção das tecnologias digitais de informação e

⁶ “Inclusão digital significa democratizar o acesso às tecnologias da informação, permitindo a inserção de todos na sociedade do conhecimento. E isso significa ampliar o acesso aos meios de comunicação, a formas de obter aprendizado, e, conseqüentemente, a melhores condições de vida e sustento. É possibilitar que todo indivíduo tenha meios de exercer seus direitos e desenvolver a plenitude de seus potenciais humanos”. (PEDROZA, 2019, p. 01)



comunicação, aprofundam a necessidade de a escola buscar novos conhecimentos para o processo de aprender e ensinar.

À guisa de conclusão

A onipresença da cultura em rede virtual, através da diversidade de dispositivos tecnológicos da cibercultura, cria condições para o acesso à informação comunicacional, num cenário favorável ao sujeito para a ampliação da sua própria experiência. Nesse processo interativo e participativo, é crucial a incorporação de novas formas de aprendizagens educativas direcionadas à produção qualitativa do conhecimento, numa construção intersubjetiva do mundo, sob o olhar e interpretação do próprio estudante, a partir da concepção de um processo dialógico, de escuta e fala permanentes.

A escola, diante da pluralidade desse cenário cultural, enfrenta o desafio de compreender que o ambiente virtual provocou a gradativa desterritorialização das práticas de ensino-aprendizagem. Nesse viés, para desenvolver uma interligação entre essas mesmas práticas e a realidade percebida pelo educando, a escola terá que situar-se para além do “micro” espaço físico da sala de aula, assim percebido, se comparado ao ciberespaço como um lugar de fronteiras indefinidas. O estudante, ao acessar o conteúdo informativo existente nas redes virtuais, explora a experiência de vivenciar novos conhecimentos que não se delimitam no tempo-espaço escolar, e que, inclusive, vêm ocupando o seu horário destinado ao lazer e ao tempo livre.

Urge a mudança de postura por parte das instituições de ensino para ressignificarem as suas práticas educativas, tornando-se parte fundamental desse processo de interdependência entre a aprendizagem multicultural e desterritorializada, promovida pelas tecnologias digitais e pelo ciberespaço, interligando-se dialogicamente à formação de uma consciência crítica e reflexiva do seu educando.

A ressignificação das práticas pedagógicas educativas aplicadas às novas linguagens do cotidiano, compartilhadas com conhecimento introjetado no indivíduo pela cultura nômade globalizada, poderão ser o estímulo para uma aprendizagem significativa, como um princípio absoluto da dignidade humana que principia na autonomia e liberdade.

Instigar o comportamento investigativo, conceber informações amplas, mestiças e que possam fazer parte do cotidiano do aluno, com o objetivo de tornar a sua autoaprendizagem



mais consciente para a (re)construção dos seus próprios valores sociais, é a novel missão da escola em tempos de tecnologias digitais.

Ao permitir a retroalimentação das informações que inter cruzam o ambiente digital, sob o contexto hiperdimensionado da multiculturalidade disposta nas vias desse mesmo ambiente, vislumbra-se sobre a necessidade de considerar o ciberespaço como um lugar propenso à construção compartilhada de saberes e para a projeção de novos modelos de práticas de ensino-aprendizagem. No diálogo crítico, consciência e mundo se interligam, propiciando o resgate do “eu” para o “nós”.

Portanto, o espaço digital, na pós modernidade, se apresenta como um elemento propulsor para a promoção de infinitas possibilidades na ampliação dos sentidos e significados para os chamados sujeitos aprendentes, docentes e discentes. Cabe à educação tomar o seu lugar em todos os lugares desse processo de desterritorialização que se confirma no ambiente digital.

Referências

ARAÚJO, Tiago. **Inclusão digital no Brasil**: em que estágio desse processo estamos? Politizei. Set/2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/inclusao-digital-no-brasil/>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

BARBERO, Jesús-Martín. **A comunicação na educação**. VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata; MELO, Dafne (trad). São Paulo: Contexto. 2014.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BERARDI, Franco (Bifo). **A fábrica da infelicidade**: trabalho cognitivo e crise na new economy. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

BUCKINGHAM, David (2006): **“La educación para los medios en la era de la tecnología digital”**. Ponencia para el congreso del decimo aniversario de MED “La sapienza di comunicare”, Roma. Disponível em: <<http://ubatic.rec.uba.ar/blog/la-educaci%C3%B3n-para-los-medios>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CAEIRO, Domingos. Prefácio. In. PORTO, Cristiane; MOREIRA, J. António. **Educação no ciberespaço**: novas configurações, convergências e conexões. Aracaju: EDUNIT, 2017.

COUTO, Edvaldo Souza; SILVA, Raphaele Nascimento. Aprendizagens personalizadas na era das conectividades: ler e escrever em telas. In. PORTO, Cristiane; MOREIRA, J. António.



Educação no ciberespaço: novas configurações, convergências e conexões. Aracaju: EDUNIT, 2017

CRUZ, Natalia. **Pós-modernidade.** 2019. Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/pos-modernidade>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 46. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018o.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Pedagogia da solidariedade.** 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra. 2018s.

LINHARES, Ronaldo Nunes; CHAGAS, Alexandre Meneses. Aprendizagem no ciberespaço: por uma pedagogia da comunicação em uma educação mestiça. In. PORTO, Cristiane; MOREIRA, J. António. **Educação no ciberespaço:** novas configurações, convergências e conexões. Aracaju: EDUNIT, 2017.

PEDROZA, Paula. **O que é inclusão digital e em que estágio estamos no Brasil.** Digitalks. Ago/2019. Disponível em: <<https://digitalks.com.br/artigos/o-que-e-inclusao-digital-e-em-que-estagio-estamos-no-brasil/>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

PORTO, Cristiane; MOREIRA, J. António. Ambientes de aprendizagem digitais em ecossistemas educativos. (in) PORTO, Cristiane; MOREIRA, J. António. **Educação no ciberespaço:** novas configurações, convergências e conexões. Aracaju: EDUNIT, 2017.

SOUZA, Cláudio Reynaldo Barbosa de; RIBEIRO; Núbia Moura. Educação profissional: o desafio para o desenvolvimento do país. (in) SAMPAIO, Renelson R.; SOUZA, Reynaldo B de; SILVA, Rogério Flores da. **Construção do conhecimento em organizações na perspectiva das redes sociais.** Série Compartilhando Saberes. vol.1. Salvador: Eduneb; Fieb. 2013.